

## INTELECTUAL E REVOLUCIONÁRIO: O PERCURSO DE GYÖRGY LUKÁCS RUMO À “HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE”

*Ryan Victor Rosado de Oliveira<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo busca destacar a trajetória do filósofo marxista húngaro György Lukács e de sua obra “História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista” (*Geschichte und Klassenbewusstsein: Studien über marxistische Dialektik*), evidenciando os elementos que fizeram do autor e de sua obra pilares fundamentais do pensamento revolucionário e marxista. O estudo se justifica pelo interesse em examinar o percurso de Lukács no contexto da sociedade burguesa do século XX, analisando sua interpretação das obras de Marx e Engels, bem como seus próprios escritos, profundamente marcados pela influência do pensamento marxiano. O referencial teórico da pesquisa é constituído pelo pensamento lukacsiano, com especial atenção à obra “História e Consciência de Classe”, sustentado pelo diálogo com os escritos de Marx e Engels, que permeiam a produção intelectual e política de Lukács ao longo do século XX. A abordagem metodológica orienta-se pelo próprio percurso intelectual e político do autor, amparado nas obras de Lukács e seus intérpretes. Com isso, busca-se evitar conclusões fragmentadas ou distorcidas sobre o autor, assegurando fidelidade ao pensamento lukacsiano no contexto da teoria social. Dessa forma, pretende-se apresentar o desenvolvimento intelectual e político de Lukács, desde sua infância até a década de 1930, oferecendo, na medida do possível, uma visão abrangente de sua formação teórica e preparando o terreno para uma leitura mais aprofundada de “História e Consciência de Classe”.

**Palavras-chave:** Lukács; Marxismo; Itinerário Lukacsiano; HCC; Século XX.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Direito na linha de pesquisa História, Poder e Liberdade pelo PPGD/UFMG (2025-Atual). Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Advogado OAB/MG. Graduado em Direito (UEMG, 2020 - 2024). Pesquisador da crítica marxista à economia política, ao direito e ao Estado. E-mail: ryan.victor.78@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2139-282X>.

**ABSTRACT:** This research aims to highlight the intellectual and political trajectory of the Hungarian Marxist philosopher György Lukács and his work “History and Class Consciousness: Studies on Marxist Dialectics” (*Geschichte und Klassenbewusstsein: Studien über marxistische Dialektik*), emphasizing the elements that established both the author and his work as fundamental pillars of revolutionary and Marxist thought. The study is justified by the interest in examining Lukács’s path within the context of twentieth-century bourgeois society, analyzing his interpretation of the works of Marx and Engels, as well as his own writings, which are deeply marked by the influence of Marxian thought. The theoretical framework of this research is grounded in Lukácsian philosophy, with special focus on “History and Class Consciousness”, supported by the ongoing dialogue with the writings of Marx and Engels that permeates Lukács’s intellectual and political production throughout the twentieth century. The methodological approach follows the author’s own intellectual and political development, based on primary sources translated into Portuguese, as well as secondary sources written by scholars specialized in his work. In doing so, the research seeks to avoid fragmented or distorted conclusions about the author, ensuring fidelity to Lukácsian thought within the context of social theory. Thus, the objective is to present Lukács’s intellectual and political development from his childhood up to the 1930s, offering, as far as possible, a comprehensive view of his theoretical formation and laying the groundwork for a more in-depth reading of “History and Class Consciousness”.

**Keywords:** Lukács; Marxism; Lukácsian Trajectory; HCC; Twentieth Century.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar, de maneira introdutória, o percurso intelectual e político de György Lukács, desde sua infância até a década de 1930. Busca-se, com isso, oferecer uma visão abrangente do processo de formação e amadurecimento do filósofo húngaro, preparando o leitor para uma compreensão mais aprofundada de sua obra “História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista”.

O referencial teórico desta pesquisa está centrado no pensamento de György Lukács, com especial atenção à obra “História e Consciência de Classe”, sustentado pelo diálogo constante com os escritos de Marx e Engels, que perpassam a produção intelectual e política de Lukács ao longo do século XX. Busca-se, assim, compreender o desenvolvimento teórico e político presente nos textos lukacsianos.

Nesse contexto, é fundamental explicitar o método que orientará a presente investigação, tomando como base a própria concepção metodológica de Marx, que articula dois momentos essenciais: a investigação – voltada à apreensão da lógica interna do objeto – e, posteriormente, a exposição de seus resultados (Marx, 2013). Adicionalmente, a pesquisa bibliográfica desempenha papel indispensável, tanto para mapear o estado da arte sobre a temática quanto para delinear a fortuna crítica em torno da obra de Lukács, por meio da análise de seus intérpretes. Entre os principais intérpretes utilizados como referência, destacam-se José Paulo Netto, Celso Frederico, Ricardo Musse, Slavoj Žižek, Ester Vaisman, Leandro Konder, Vitor Bertoletti Sartori, Michael Löwy, entre outros.

A leitura imanente das obras de Lukács produzidas entre 1919 e 1922 – período de elaboração dos ensaios reunidos em “História e Consciência de Classe” – visa a evitar conclusões fragmentadas ou interpretações equivocadas acerca do autor. O fio condutor da pesquisa é o próprio Lukács, por meio de seu percurso intelectual e político, desde sua infância até a década de 1930.

Por fim, o segundo momento da investigação consiste na exposição sistemática do objeto de estudo, devidamente analisado, estruturado e interpretado, com o objetivo de apresentá-lo ao público, e, em especial, ao meio acadêmico, por meio da forma de um artigo científico.

## 1. INTELECTUAL E REVOLUCIONÁRIO

Para compreender a formulação da obra *História e Consciência de Classe*, é essencial reconstruir o percurso formativo de Lukács, que combina elementos biográficos, influências intelectuais e experiências políticas decisivas. Este capítulo traça um panorama de sua trajetória desde o nascimento até sua adesão ao marxismo, evidenciando como o filósofo, mesmo proveniente de uma família da elite austro-húngara, desenvolveu desde cedo uma postura crítica diante da ordem burguesa. A análise de sua formação acadêmica, dos primeiros

escritos estético-filosóficos e de seu engajamento nas lutas políticas da Hungria revela os caminhos pelos quais Lukács se torna, simultaneamente, intelectual e militante revolucionário. A seguir, examina-se essa trajetória em suas múltiplas dimensões.

### **1.1. Uma personalidade avessa ao sistema capitalista**

György Löwinger<sup>2</sup> nasceu em Budapeste, Hungria, em 13 de abril de 1885, e faleceu na mesma cidade em 04 de junho de 1971 – em decorrência de um câncer pulmonar, aos 86 anos. Seu pai, József Löwinger (1855-1928), proveniente de uma família numerosa, abandonou a escola aos 13 anos de idade, mas se tornou um grande bancário de sucesso (Diógenes, 2019). Sua mãe, Adél Wertheimar (1860-1917), também nascida em Budapeste, era descendente de uma das famílias mais antigas e ricas da Europa<sup>3</sup>. Criada em Viena, Adél aprendeu húngaro antes de se casar, embora o idioma predominante na família fosse o alemão. Essa escolha linguística familiar facilitou o contato de Lukács com a filosofia e a literatura alemãs desde cedo (Lukács, 2020).

Além dos pais, Lukács tinha dois irmãos e uma irmã: János (1887-1944), Mária (1887-1980) e um irmão menor Pál (1889-1892) (Diógenes, 2019). O primeiro relacionamento amoroso de Lukács foi com Irma Seidler, iniciado em meados de 1907, e exerceu profunda influência em sua vida. A importância dessa relação é evidenciada pela dedicatória do livro “A alma e as formas” à jovem, que cometeu suicídio em 1911 (Castro, 2018). Por volta de 1914 e 1915, em Heidelberg, conhece sua primeira esposa, Yelyena Andreevna Grabenko (militante revolucionária russa), a quem dedica a obra “A teoria do romance”. O casamento termina e é formalmente desfeito em 1919. Após a separação, ela permanece em Heidelberg, enquanto ele retorna a Budapeste.

Pouco depois, em 1920, Lukács se casa com seu amor de juventude, Gertrud Bortstieber (1882-1963) – economista de formação, com grande interesse em música e literatura –, e juntos tem uma filha chamada Anna. De acordo com Lukács (2020), eles vivem um casamento maravilhoso e o filósofo húngaro dedica algumas de suas principais obras a ela, como “História e Consciência de Classe” e “Para uma ontologia do ser social”.

---

<sup>2</sup> Löwinger era o nome da família de György Lukács, entretanto, em outubro de 1890, seu pai alterou o nome da família para Lukács. Para mais informações, ver em: Diógenes, 2019.

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a vida de Lukács, consultar: Kadarkay, 1994; Castro, 2018.

Após seu falecimento e sepultamento em 1971, alguns anos depois, como forma de homenagem e de reconhecimento histórico por suas contribuições intelectuais e políticas, Lukács foi transferido para o Cemitério de Kerepesi, em Budapeste. Ele foi sepultado em uma área destinada a figuras importantes do movimento socialista, reafirmando seu legado como um dos mais influentes pensadores marxistas do século XX<sup>4</sup> (Bonente, Medeiros, 2021).

Filho de um próspero dirigente da principal instituição bancária da Hungria e reverenciado com um título de nobreza, Lukács descendia do alto estrato de classe nobilitado pelo Império Austro-Húngaro. Desde a terna idade, Lukács convivia em um ambiente intelectual intenso. Em 1902, com apenas 17 anos, ingressou na Universidade de Budapeste, onde obteve o doutoramento em Ciências Jurídicas em 1906 e, posteriormente, em Filosofia em 1909, ambos na mesma instituição. Logo em seguida, continua os estudos em Berlim, passa um período em Florença e, depois, instala-se em Heidelberg (Frederico, 1997; Lowy, 1998). Na Universidade de Berlim, Lukács teve contato e frequentou as aulas de Georg Simmel. Posteriormente, ao se mudar para Heidelberg, conheceu Ferdinand Tönnies<sup>5</sup>, Ernst Bloch<sup>6</sup>, Max Weber<sup>7</sup> e Emil Lask<sup>8</sup>, tornando-se amigo destes três últimos (Lukács, 2020).

As obras de Lukács seguem um desenvolvimento teórico-filosófico e ideológico-político muito complexo. Esse desenvolvimento se realizou com incontáveis rompimentos e modificações, mas que não impediram a continuidade de seus estudos rumo ao marxismo (Netto, 2023c). Inclusive, como será explicitado mais adiante, o próprio Lukács exercia autocríticas de suas antigas concepções, bem como das posições com as quais já considerava superadas – detalhe perceptível no decorrer de suas obras<sup>9</sup> e entrevistas<sup>10</sup> –, seja pelo resultado do processo histórico ou pela sua própria mudança de concepção.

<sup>4</sup> Em 2017, Lukács sua sepultura foi novamente movida, dessa vez em ação orquestrada pelo partido de ultradireita Jobbik, cujo objetivo era eliminar os símbolos comunistas de espaços públicos da cidade. Assim, a estátua de Lukács – localizada no parque Szent István, na capital da Hungria – foi realocada para o Szoborpark (Parque de Estátuas) – que é considerado uma espécie de “cemitério” que reúne monumentos do período comunista que foram retirados dos locais originalmente alocados. Para mais informações, acesse: Budapeste, 2024.

<sup>5</sup> Ferdinand Tönnies (1855-1936) foi um sociólogo alemão e o responsável pela publicação dos manuscritos de Thomas Hobbes.

<sup>6</sup> Ernst Bloch (1885-1977) foi um dos principais filósofos marxistas alemães do século XX.

<sup>7</sup> Max Weber (1864-1920) foi um jurista e economista alemão considerado um dos fundadores da sociologia.

<sup>8</sup> Emil Lask (1875-1915) foi um filósofo alemão.

<sup>9</sup> Sobre essa observação, basta verificar, a título de exemplo, o Prefácio de 1967 de História e Consciência de Classe, no qual Lukács em algumas dezenas de páginas realiza uma rigorosa autocrítica de sua obra de 1923. Ver em: Lukács, 2018.

<sup>10</sup> Ver em: Lukács, 1999. Como também em: Lukács, 2020.

Segundo Netto (2023c), a partir dessa complexidade do pensamento lukacsiano, não faltaram interpretações enviesadas por preconceitos e deturpações de “especialistas” invalidando suas investigações, além de receber um tratamento desequilibrado com ataques e defesas emocionais ao invés de uma cautelosa análise e compreensão das afirmações de seus escritos. Integrado às principais discussões intelectuais do século XX, Lukács se manteve, na maioria das vezes, incompreendido, algumas vezes devido à deformação de sua obra por opositores.

A partir disso, conforme Frederico (1997, p. 7), Lukács desenvolveu desde seus primeiros escritos um posicionamento rígido na recusa do modo de pensar e viver estabelecido pelo capitalismo. Isso porque, as condições sociais na Hungria do começo do século XX não eram favoráveis para a realização de valores vitais, distanciando “as exigências éticas de uma vida autêntica a que ele se propunha e a ‘árida realidade empírica’, alienada e alienante”.

A recusa de Lukács com relação à sociedade húngara é radical e expôs a necessidade de uma intervenção assentada em um caráter de radicalidade, rompendo com qualquer linha da ordem burguesa, pois não havia “nenhuma força capaz de implementar efetivamente um projeto de transformação qualitativa da vida e da cultura” (Netto, 2023c, p. 17). Essa frustração, derivada da impossibilidade de realizar integralmente os anseios humanos e superar os limites impostos pelo mundo burguês, levou o jovem Lukács a uma rejeição irremediável e incontestável da sociedade capitalista. Tal postura, até 1918<sup>11</sup>, expressou-se quase que exclusivamente no campo intelectual, como em suas obras “A Alma e as Formas”<sup>12</sup> (“Die Seele und die Formen”) e “Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica”<sup>13</sup> (Die Theorie des Romans: Ein geschichtsphilosophischer Versuch über die Formen der großen Epopäie) (Frederico, 1997).

O cenário político nesse período evidenciava que a oposição à ordem húngara não dispunha de amparo na grande burguesia (Lukács, 2020). Com isso, o proletariado húngaro era insuficiente na articulação organizada politicamente, visto que à época o Partido Social-Democrata era considerado reformista. Nessa conjuntura, os movimentos rebeldes tinham

<sup>11</sup> Nesse ano, poucos dias antes de entrar no Partido Comunista Húngaro, Lukács escreveu um interessante artigo, intitulado “O bolchevismo como problema moral”, em que, segundo Frederico (1997), afastava o escritor húngaro do projeto revolucionário. O artigo citado está disponível em: Lukács, 1973.

<sup>12</sup> Ver a tradução em português em: Lukács, 2017.

<sup>13</sup> Ver a tradução em português em: Lukács, 2000.

dificuldades de se manterem e acabavam por se isolar em pequenos grupos, sem causar diretamente nenhum tensionamento na vida política. Ainda assim, Lukács participou, enquanto estudante, de alguns desses círculos contestadores, como o Círculo Galileu<sup>14</sup> e a Sociedade de Ciências Sociais<sup>15</sup> (Netto, 2023c).

Nesse sentido, é possível perceber que o estopim motivador de Lukács é sua irreconciliabilidade com a realidade húngara, dado que o filósofo húngaro não vislumbrava nenhuma força social preparada para transformar qualitativamente a vida e a cultura húngara. Logo, Lukács defendia uma teoria e uma prática radical que rompesse com qualquer compromisso com a ordem burguesa vigente.

## 1.2. Escritos de juventude: o itinerário das principais obras lukacsianas pré-marxistas

O primeiro grande destaque de Lukács surge com o manuscrito “História da evolução do drama moderno”<sup>16</sup> (*A modern dráma fejlődésének története*), escrito em húngaro entre 1906 e 1907 como resultado de seu envolvimento teórico e prático com o teatro e o drama. Esse interesse foi intensificado quando fundou, em 1904, junto com dois amigos, László Bánóczi e Sándor Hevesi, o grupo de teatro *Thalia Bühne* (*Thalia Gesellschaft*). Após a conclusão do livro, Lukács enviou o manuscrito à “*Kisfaludy Társaság*”, uma destacada sociedade literária, e recebeu o “*Krisztina Lukács Prize*” (Lukács, 2020).

Posteriormente, em 1911, o livro “História da evolução do drama moderno” foi reelaborado e publicado em Budapeste. A obra, com enfoque sociológico-estético e referências alemãs, como a filosofia de Immanuel Kant, era voltada ao criticismo rigoroso e às antinomias kantianas, além de dialogar com a tradição sociológica fundada por Ferdinand Tönnies<sup>17</sup> e ser influenciada pelo anticapitalismo romântico. Este último manifestava-se por uma “crítica romântica à industrialização, à urbanização, à burocratização” presente, sobretudo, na obra de Georg Simmel (Netto, 2023c, p. 18). Sayre e Lowy (2021, p. 10-12), explicam o que seria o anticapitalismo romântico acertadamente:

<sup>14</sup> Liderado pelo agitador político e propagador dos ideais marxistas Erwin Szabó.

<sup>15</sup> Liderado pelo democrata não proletário Oszkár Jászi.

<sup>16</sup> Essa obra de Lukács não possui tradução para a língua portuguesa. Para mais informações, ver a edição em húngaro: Lukács, 1978.

<sup>17</sup> O primeiro a formular a contraposição entre comunidade (a ordem social tradicional, controlada pelo costume e assentada nos vínculos pessoais) e sociedade (a ordem social embasada na economia capitalista, regida pela racionalidade do cálculo e funcionando impessoalmente).

O romantismo é uma crítica cultural ou rebelião contra a modernidade capitalista-industrial em nome de valores do passado, pré-modernos ou pré-capitalistas. Como cosmovisão, ele está presente em toda uma gama de criações culturais: literatura e arte, religião e filosofia, teoria política, historiografia, antropologia e até economia política. Ele [o anticapitalismo romântico] considera que no advento da sociedade burguesa moderna houve uma perda decisiva dos valores humanos, sociais e espirituais que existiam em um passado real ou imaginário – Idade Média, Grécia Homérica, comunismo primitivo e outros. O protesto romântico sempre se inspira em valores pré-capitalistas – sociais, culturais ou religiosos – e na nostalgia de um Paraíso perdido, de uma Era Dourada do passado. Ele pode assumir formas regressivas, sonhando com um retorno imaginário ao passado, mas também com retornos revolucionários que avançam, ou tentam avançar, para uma futura utopia passando por um desvio do passado. (...) Vejamos (...) exemplos importantes de componentes característicos e inter-relacionados da civilização moderna que as obras românticas costumam lamentar ou condenar: 1. O desencantamento do mundo (...) 2. A quantificação do mundo (...) 3. A mecanização do mundo (...) 4. A dissolução dos vínculos sociais.

Essa primeira obra lukacsiana foca na estética, arte e filosofia, com a intenção de elaborar uma teoria do drama moderno. Contudo, conforme Ester Vaisman (2013, p. 118), a obra pode ser descrita como uma “pura síntese intelectual entre sociologia e estética, sob amparo e sustentação do pensamento de Simmel, em lugar de partir ‘das relações diretas e reais entre a sociedade e a literatura’, como dirá no ‘Prefácio’ a Arte e Sociedade<sup>18</sup>”. Ainda que Lukács posteriormente tenha considerado essa obra insatisfatória, ele a avaliou como um excelente exercício de “ciência do espírito” [*Geisteswissenschaft*], destacando a influência de Simmel, Dilthey<sup>19</sup> e Weber (Vaisman, 2007).

Nessa época, Lukács já havia lido alguns dos escritos de Marx, mas a sua recusa da ordem burguesa não se ancorava na teoria marxiana ou marxista, apenas havia uma mínima influência na economia e sociologia (Vaisman, 2007; 2013). Além disso, Lukács não abordava a sociedade capitalista a partir do viés histórico, mas em uma dicotomia entre mundo moderno (sociedade) e mundo antigo (comunidade):

Com efeito, Lukács não aborda a sociedade capitalista de um ponto de vista histórico. Ao contrário, ela é vista como a constituinte do “mundo moderno” que se opõe ao “mundo antigo” – toda a fundamentação sociológica lukacsiana se apoia nessa dicotomia, que prolonga a contraposição comunidade/sociedade (Netto, 2023c, p. 21).

---

<sup>18</sup> Sobre esse livro, ver a tradução em português: Lukács, 2009.

<sup>19</sup> Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911) foi um filósofo, psicólogo, sociólogo, pedagogo e historiador alemão.

Lukács, em sua obra influenciada pelo anticapitalismo romântico, enuncia acertadamente que o drama moderno — em contraste com o antigo, grego — apresenta uma estrutura centrada no drama do individualismo, moldado por ideologias nas quais as classes sociais desempenham um papel incontestável (Netto, 2023c).

Pouco tempo após escrever “História da evolução do drama moderno”, Lukács redigiu, entre 1909 e 1911, a maioria dos ensaios que compõem os volumes “A alma e as formas”<sup>20</sup> [*Die Seele und die Formen*] – publicado em húngaro em 1910 e em alemão no ano seguinte – e “Cultura Estética”<sup>21</sup> [*Ästhetische Kultur*], publicado apenas em húngaro em 1913 (Lukács, 2020).

A obra “A alma e as formas” possui um caráter filosófico ético-estético, com foco na crítica literária dos autores do anticapitalismo romântico (Netto, 2023c). Esses ensaios ainda não enfrentam diretamente a análise das contradições do capitalismo ou das formas literárias que delas decorrem. Judith Butler (2017), na introdução da edição brasileira publicada pela Boitempo, observa que a abordagem nesta obra não é marxista, mas enraizada em um anticapitalismo romântico. Nessa fase, Lukács valoriza a subjetividade, representada pelo conceito de "alma", que mantém uma conotação romântica e espiritual. Como explica Butler, em suas obras de maturidade, Lukács criticará essa visão, mas aqui “ainda é louvada como um elo mediador de cunho lírico e formal entre uma vida particular e as condições históricas” (Butler, 2017, p. 11).

Desse modo, o livro “A alma e as formas” aborda a relação entre a “Vida” – concebida como autêntica e regida por valores absolutos – e a “vida” – percebida como ordinária, empírica e corrompida por compromissos. Conforme Netto (2023c), essa oposição reflete a percepção de Lukács de que a forma burguesa de vida consome a “vida”, impossibilitando o alcance da “Vida” no contexto da sociedade capitalista burguesa. Netto explica:

Como na *História da evolução do drama moderno*, o substrato do pensamento lukacsiano é a crítica romântica ao capitalismo: “O estilo burguês de vida é um trabalho forçado e uma escravidão odiosa [...]. A forma burguesa de vida devora a vida”. Mas aquele substrato, agora mais metafísico que antes, é conduzido a seu extremo: para Lukács no “mundo moderno”, a vida individual – dilacerada pela incompatibilidade da alma com as formas possíveis da vida empírica – carece de

<sup>20</sup> Sobre esse livro, ver a tradução em português: Lukács, 2017.

<sup>21</sup> Sobre esse livro, ver a tradução em espanhol: Lukács, 2015.

significação e está condenada a jamais alcançá-la. Daí o caráter trágico da existência e o categórico imperativo para recusar os compromissos (Netto, 2023c, p. 22).

Entre 1912 e 1915, Lukács mudou-se para Heidelberg, então um destacado centro universitário, permanecendo lá até o início da Primeira Guerra Mundial. Quando chegou, já era reconhecido como um crítico literário pela obra “História da evolução do drama moderno”, como apontado por Ernst Bloch (Lukács, 2020). Nesses primeiros anos, Lukács encontrava-se em profundo pessimismo, desespero e idealização em uma salvação messiânica. Contudo, os novos ares de Heidelberg, somados à influência da Primeira Guerra Mundial e ao impacto dos escritos de Hegel, levaram-no a se afastar dessa visão trágica e a se preocupar com os rumos da história (Netto, 2023c).

É no primeiro ano de guerra que Lukács escreve “A teoria do romance” – redigido em 1914 e publicado na “Revista de Ciência Geral da Arte”<sup>22</sup> [*Zeitschrift für Aesthetik und Allgemeine Kunsthissenschaft*] em 1916 e, em formato de livro, em 1920. Quando o livro alcançou Max Dvořák<sup>23</sup>, o historiador recebeu a obra com grande entusiasmo, classificando-a como excepcional no campo da ciência do espírito. Esse reconhecimento por parte de Dvořák, um dos mais influentes representantes da Escola de Viena, destacou a importância da contribuição inicial de Lukács, especialmente no âmbito da estética e da crítica literária (Lukács, 2020).

Esse trabalho buscava ser uma introdução para a apresentação histórico-filosófica da poética de Dostoiévski, partindo de Kant e Hegel. Nele, colocam-se em tensão os próprios pressupostos a-históricos “e suas exigências morais radicalmente humanistas e antiburguesas, exacerbadas pelo barbarismo da guerra e com suas contradições acentuadas pelo conhecimento de dialética hegeliana”, tendo-se, nesse contexto, “[...] o conflito [...] entre uma ‘epistemologia de direita’ e uma ‘ética de esquerda’”, que, segundo Netto (2023c, p. 25), “só seria solucionado nos anos 1920”. Lucien Goldmann (1963, p. 25) tecerá inúmeros elogios à obra lukacsiana que aborda as grandes formas épicas:

[...] Contrariamente às que havia elegido precedentemente, são *realistas*, isto é, descansam, se não sobre uma acepção da realidade, pelo menos sobre uma atitude positiva em relação a uma realidade *possível*, cuja possibilidade está fundada no *mundo existente*. [...] Assim, numa época em que a crise da sociedade ocidental se

<sup>22</sup> A tradução do nome original em alemão da revista foi realizada pelo próprio autor.

<sup>23</sup> Max Dvořák foi um famoso historiador da Arte austríaco. Também lecionou História da Arte na Universidade de Viena.

tornara manifesta a todos aqueles que, poucos anos antes, não haviam sequer suspeitado dela, Georg Lukács, que havia sido um dos primeiros a descobri-la, afirma a categoria da esperança realista e esboça, por isso mesmo, a categoria central de seu pensamento ulterior, a categoria de possibilidade objetiva.

Assim, “A teoria do romance” se fundamenta na contraposição entre o mundo antigo (helênico) e o mundo moderno (“a era da perfeita culpabilidade”). A obra, conforme aponta Vaisman (2013), foi bem recebida por figuras renomadas, como Max Weber e Thomas Mann. Um dos pontos centrais do texto reside na concepção de totalidade, tal como formulada por Hegel, que permeia a análise de Lukács acerca das formas literárias e da evolução histórica. Sobre essa consideração, Netto (2023c, p. 26) corrobora afirmando que:

[...] Entra em jogo a categoria da totalidade, haurida em Hegel: o mundo moderno é aquele em que a heterogeneidade da vida (capitalista) estilhaça a totalidade própria das “civilizações fechadas” (a cultura). A expressão épica do mundo antigo era a epopeia<sup>24</sup>, a do mundo moderno, o romance. “A epopeia configura uma totalidade de vida acabada em si mesma; o romance procura descobrir e construir a totalidade secreta da vida.” No mundo em que a totalidade está dilacerada, surge o herói individual: ele busca, inutilmente, uma significação para a existência. Por isso, o romance é a épica do herói problemático.

Nesse sentido, no período que antecede a escrita e a publicação de “História e Consciência de Classe”, essas foram as três principais obras do intelectual húngaro antes de sua adesão ao Partido Comunista Húngaro e do aprofundamento no estudo das obras de Marx e Engels.

### **1.3. Intelectual e militante: notas sobre a trajetória de Lukács após sua adesão ao Partido Comunista Húngaro**

A partir de 1915, Lukács é convocado pelos militares e regressa a Budapeste, visto que a Primeira Guerra Mundial estava em andamento. Considerado incapaz para o *front* – por influência de seu pai –, finda por prestar serviços complementares em um departamento de censura. Mesmo em serviço, Lukács forma um grupo que ficou conhecido como “Círculo Dominical” em que promovia debates considerados de “esquerda” e, em conjunto, seguia seus estudos sobre Hegel e Marx (Lukács, 2020).

---

<sup>24</sup> Chamada também de poesia épica ou heroica, é um gênero literário cuja composição consiste de um poema longo, narrativo, geralmente versando sobre os feitos de um herói, sobre acontecimentos históricos ou míticos, sobre elementos considerados como fundamentais a dada cultura.

Nessa época, em outubro de 1917, a Revolução Russa<sup>25</sup> causa no autor húngaro grande impacto, fazendo-o direcionar seus estudos para a esquerda, bem como aos pensamentos de Anton Pannekoek e Rosa Luxemburgo, revolucionários que combatiam o reformismo da II Internacional – capitaneado pelo Partido Social-Democrata (Netto, 2023b). Nesse período, Lukács buscou organizar as relações entre ética e política:

A vitória dos bolcheviques na Rússia czarista e o afluxo do movimento de massas na própria Hungria põem o problema comunista na ordem do dia. A 24 de novembro, funda-se o Partido Comunista da Hungria, liderado por Béla Kun. Pouco antes, Lukács escrevera um texto, *O bolchevismo como problema moral*, muito simpático aos comunistas, mas em cujo último parágrafo se lê: “O bolchevismo se baseia na ideia metafísica segundo a qual o bem pode brotar do mal na crença de que é possível chegar [...] à verdade mentindo. O autor destas linhas não pode partilhar dessa crença” (Netto, 2023c, p. 27).

Mesmo com essa declaração, a força da história muda os rumos de Lukács, que, após uma conversa com Béla Kun, ingressa no Partido Comunista da Hungria em 02 de dezembro de 1918 (Lukács, 2020). Segundo Netto (2023c), Lukács vislumbra no proletariado a força latente capaz de eliminar as antinomias pela destruição da realidade capitalista, como também pela abolição da reificação, a realização de valores autênticos e a fundação de uma nova cultura pautada em ideais socialistas. Essa nova tomada de posição de Lukács determinará o perfil de sua obra madura, elaborando uma concepção dialética da história, da sociedade e da cultura.

Com a adesão ao Partido Comunista Húngaro, o filósofo permaneceu por aproximadamente uma década engajado na prática política, retornando, após esse período, quase exclusivamente à atividade intelectual. Sua saída do partido representou um momento marcante e doloroso em sua trajetória, motivada por pressões e discordâncias internas. Esse afastamento da militância político-partidária perdurou até a eclosão da Revolução Húngara de 1956<sup>26</sup>. Essa etapa na vida de Lukács é essencial em seu desenvolvimento intelectual e político, pois é quando poderá ter contato com a contribuição a teoria social de Marx – em seus escritos maduro – e com a militância política e revolucionária, além de ser determinante para a escolha de se engajar na organização operária revolucionária (Netto, 2023b; 2023c).

<sup>25</sup> Para mais informações sobre a Revolução Russa e seu principal dirigente, Vladimir Ilyich Ulianov (Lênin), consulte: Moraes, 2024.

<sup>26</sup> Sobre esse assunto, para mais informações, consulte: Mészáros, 2018.

Destacando que o ingresso de Lukács no Partido Comunista Húngaro acontece no mesmo período do aumento da crise econômica-social na Hungria pós-guerra, principalmente com a intensificação do desemprego. E no ano seguinte (1919), a crise torna-se política, acarretando a queda da monarquia e à investidura do Conde Karóly como presidente da República (Lukács, 2020; Netto, 2023b). Nessa conjuntura política, houve um vertiginoso crescimento do Partido Comunista, duramente atacado devido às pressões inglesas para reprimir o movimento comunista, o que resultou na prisão de lideranças comunistas por parte do governo da Hungria (Netto, 2023c).

Essa repressão aos comunistas acabou permitindo que o partido ganhasse a simpatia nacional. Como consequência dessas pressões externas, em 20 de março de 1919, Karóly renuncia ao mandato de Presidente e no dia seguinte uma coalização de comunistas e social-democratas acaba por assumir o governo, instaurando a Comuna Húngara<sup>27</sup> – República Proletária dos Conselhos – que durou somente 133 dias em decorrência da contrarrevolução burguesa liderada pela direita reacionária de Miklós Horthy, instaurando um clima de terror na Hungria (Netto, 2023c).

Durante esses eventos, Lukács integrou o Comitê Central do Partido Comunista, foi redator do “Jornal Vermelho”, fundou o “Instituto de Pesquisas do Materialismo Histórico” (IPMH), tornou-se comissário político da 5<sup>a</sup> Divisão do Exército Vermelho e foi vice-ministro da Educação Pública, realizando uma grande reforma educacional, como ele próprio destaca (Lukács, 2020). Nessa direção, Netto (2023c, p. 31), afirma que:

Para Lukács, a tarefa cultural que competia à Comuna era “o revolucionamento das almas”, com um programa sintético e original: “A política é apenas um meio; o fim é a cultura”. Lukács implementou esse programa com extrema coerência. Ao lado de medidas de vanguarda (como a reforma escolar), valorizou a melhor tradição cultural, patrocinando a representação, por grupos de trabalhadores, de obra de Lessing, Molière, Ibsen e Shaw. De fato, a política cultural da Comuna, orientada por Lukács, foi democrática e pluralista, como se verifica na Tomada de Posição do ministério: “O programa cultural dos comunistas apenas faz distinção entre boa e má literatura [...]. Tudo o que tiver verdadeiro valor literário, venha de onde vier, encontrará o apoio do Comissariado”. E, conclusivamente, Lukács escreveu no Jornal Vermelho: “O Comissariado não quer uma arte oficial nem, muito menos, a ditadura da arte do partido”.

---

<sup>27</sup> A Comuna Húngara marcou o terceiro governo operário da história, depois da Comuna de Paris (1871) e da Rússia (1917). O governo da Comuna foi formado pelo Alexandre Garbai, social-democrata, ocupando a presidência; Béla Kun, principal dirigente dos comunistas e recém saído da prisão, na pasta das Relações Exteriores. Para mais informações sobre a Comuna Húngara, consulte: Comuna, 2024.

Como comissário político durante a tomada pela direita reacionária, Lukács se oculta na clandestinidade, articulando a resistência com Otto Korvin, que acaba preso e executado no ano seguinte. Com isso, Lukács se abriga em Viena, onde é preso e sua deportação solicitada por Horthy, mas, graças à uma mobilização de diversos intelectuais da época (Bloch, Paul Ernst, Thomas e Heinrich Mann e outros), é libertado e volta a viver em Viena – seu exílio. No decurso dessa temporada em Viena, que vai até o final de 1920, Lukács reencontra sua companheira Gertrud Bortstieber, com quem viverá até sua morte, em 1963 (Lukács, 2020; Netto, 2023b; 2023c).

No período vienense e nos primeiros anos da década de 1930, Lukács “assimila integralmente as dimensões materialistas necessariamente subjacentes à teoria social de Marx e que foram fortemente sublinhadas por Lênin” (Netto, 2023c, p. 33), sendo possível notar, a partir da segunda metade de 1920, modificações em sua postura que até essa época colidiam com as de Lênin, dado o extremismo político revolucionário de Lukács – o seu esquerdismo.

Esse esquerdismo de Lukács desponta do fato de que até pouco depois da publicação de HCC, os referenciais do filósofo recaiam sobre as “teses dos dirigentes operários que recusavam a ideologia reformista da II Internacional hegemonizada por Karl Kautsky; mas o exemplo teórico e prático do revolucionário, Lukács não o encontrava entre bolcheviques, e sim em Rosa Luxemburgo” (Netto, 2023c, p. 34). Além de um voluntarismo – com seu messianismo e “eticismo” (avaliação rigorosa da prática a partir de princípios) – advindo dos dias da Comuna Húngara.

Com relação à Rosa Luxemburgo, o escritor húngaro enfatiza a obra “A acumulação do capital”<sup>28</sup> e aborda a problemática da vulgarização do marxismo. Nessa perspectiva, uma das primeiras expressões dessa banalização do marxismo, ocorre no texto “Pressupostos do socialismo”, de Bernstein<sup>29</sup>, no qual ataca o método dialético e acusa Marx de *blanquismo*<sup>30</sup>.

<sup>28</sup>Publicado pela primeira vez em 1913, neste livro, Rosa Luxemburgo dá continuidade a crítica sobre acumulação do capital, conceito cujo desenvolvimento em O capital foi interrompido pela morte Karl Marx.

<sup>29</sup> Eduard Bernstein (1850-1932) foi um político e teórico político alemão. Foi o primeiro grande revisionista da teoria marxista e um dos principais teóricos da social-democracia. Membro do Partido Social-Democrata (SPD), e o fundador do socialismo evolutivo e do revisionismo. Bernstein tinha realizado estreita associação de Karl Marx e Friedrich Engels, mas viu falhas no pensamento marxista e começou a criticar opiniões defendidas pelo marxismo quando ele investigou e desafiou a teoria marxista materialista da história.

<sup>30</sup> No discurso de esquerda, *blanquismo* refere-se a uma concepção que detém que a revolução socialista deveria ser realizada por um grupo relativamente pequeno de conspiradores altamente organizados e dentro do secretismo. O termo tem sido utilizado com mais frequência, para acusar alguém de não ser suficientemente revolucionário para fundir a sua práxis, com a das massas populares. Rosa Luxemburgo e Eduard Bernstein criticaram Lênin por considerar a sua concepção de revolução elitista e essencialmente *blanquista*.

Com isso, ao deixar de lado o ponto de vista da totalidade, a revolução passa a ser percebida como um ato isolado, desagregado da evolução global. Assim, o oportunismo da socialdemocracia e desses críticos, em especial de Bernstein, era retirar o curso dialético da história do marxismo. Além de “encontrando nos domínios particulares descrições ‘exatas’, ‘leis válidas intemporalmente’ para casos específicos, o oportunismo da socialdemocracia ainda apagou a separação entre o imperialismo e o período anterior” (Lukács, 2018, p. 110).

Apesar disso, conforme assevera Lukács (2018),

Seria contra o marxismo e a dialética querer saber se essa recaída teórica na metodologia dos economistas vulgares foi a causa ou o efeito do oportunismo pragmático. Pela maneira como o materialismo histórico considera as coisas, ambas as tendências estão relacionadas: formam o meio social da socialdemocracia antes da guerra. Os conflitos teóricos em torno da *Acumulação do capital*, de Rosa Luxemburgo, só podem ser compreendidos a partir desse meio (Lukács, 2018, p. 110).

Partindo diretamente para a discussão sobre o escrito “A acumulação do capital”, é importante reconhecer que o debate que foi conduzido por Otto Bauer e Gustav Eckstein – teóricos do “Austromarxismo”<sup>31</sup> – não estava preocupado com a questão de “saber, se a solução do problema da acumulação do capital, proposta por Rosa Luxemburgo, era objetivamente correta ou incorreta. Discutia-se (...) se existia realmente um problema e contestava-se com extrema energia a existência de um problema efetivo” (Lukács, 2018, p. 111). Isso porque, os críticos de Rosa Luxemburgo – ou seja, a corrente do Austromarxismo – desconsideraram uma parte determinante do livro, intitulada “As condições históricas da acumulação”, colocando o problema do método de Marx do seguinte modo:

são corretas as fórmulas de Marx, que se baseiam no fundamento de uma hipótese metodologicamente isolante de uma sociedade composta apenas de capitalistas e proletários? Qual a melhor maneira de interpretá-las? Os críticos ignoravam por completo o fato de que essa hipótese, em Marx, era apenas uma hipótese metodológica para compreender o problema de maneira mais clara, antes de avançar para a questão mais abrangente, que situava o problema em relação à totalidade da sociedade. Ignoraram o fato de que o próprio Marx deu esse passo no primeiro volume de *O capital*, a propósito do que se chama a acumulação primitiva. Ocultaram – consciente ou inconscientemente – o fato de que, justamente em relação a essa questão, todo *O capital* é apenas um fragmento incompleto, que se interrompe no momento em que esse problema deveria ser solucionado. Nesse sentido, o que Rosa Luxemburgo fez foi retomar o fragmento de Marx e completá-lo conforme seu espírito (Lukács, 2018, p. 111-112).

<sup>31</sup>Austromarxismo foi uma corrente marxista que se desenvolveu na Áustria, entre as décadas finais do Império Austro-Húngaro e os primeiros anos da Primeira República Austríaca.

Mesmo estando no Partido Comunista Húngaro, Lukács permanece orientado por valores marcados pelo eticismo, esquerdismo e voluntarismo (Oldrini, 2023). E é nessa disposição que escreve, em 1919, um importante escrito, intitulado “Tática e Ética” [*Taktika és ethika*], no qual afirma que o verdadeiro revolucionário “deve recusar, também no plano político, por princípio e a priori, qualquer compromisso” (Netto, 2023c, p. 34). Assim, a luta de classes seria apenas uma ferramenta para a emancipação da humanidade, afirmando que qualquer compromisso é letal para o objetivo final.

Esse compromisso citado por Lukács se refere a uma atuação para a manutenção da sociedade capitalista, a exemplo de quando cita a participação do Partido Comunista no parlamento, que, para ele, seria inconcebível, pois o parlamento é uma instituição burguesa a ser repudiada, já que constitui uma “mistificação”, atuando apenas como uma arma defensiva (Lukács, 2018). Assim, “assumir a atividade parlamentar, para um partido comunista, significa a consciência de que a revolução é impensável a curto prazo; é reconhecê-lo e confessá-lo” (Netto, 2023c, p. 35). Em resposta a esse posicionamento, Lênin contrapôs que “o artigo do camarada G.L. é muito ‘esquerdisto’ e muito ruim. Seu marxismo é puramente verbal” (Netto, 2023c, p. 35).

Percebe-se, portanto, uma contradição fundamentada no confronto de suas questões éticas com suas exigências de ação concreta. Ainda assim, mesmo com suas limitações esquerdistas, Lukács foi fundamental para o movimento operário, reconhecendo o impacto de problemas que seriam visíveis apenas com o amadurecimento da transição socialista na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e em outros países. Esse caráter antecipador é perceptível em um ensaio de 1919, intitulado “O papel da moral na produção comunista”<sup>32</sup> (Netto, 2023c; Geldof, 2023).

Ainda nos tempos de exílio em Viena e de esquerdismo antiburocrático, o Partido Comunista Húngaro se depara com duas correntes: a de Béla Kun, amparada pela Internacional Comunista; e a de Jenó Landler, apoiada por Lukács, que fazia oposição ao sectarismo burocrático da primeira, mas que, em 1922, com o respaldo de Grigóri Zinóviev, membro da Internacional Comunista, foi derrotada por Béla Kun (Lukács, 2020; Netto, 2023c).

---

<sup>32</sup> Para mais informações, consulte: Lukács, 1919.

#### **1.4 Juventude intelectual marxista e a publicação de “História e Consciência de Classe”**

Tendo se tornado membro da revista “Kommunismus”, sediada em Viena, em 1920, e politicamente derrotado em 1922, Lukács volta-se à produção teórica voltada à Internacional Comunista. É nesse contexto que publica, em 1923, “História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista”, obra que, apesar de posteriormente rejeitada em grande parte pelo próprio autor – como indica o prefácio autocritico de 1967 –, é considerada por seus intérpretes como a síntese mais densa de suas elaborações filosóficas entre 1919 e 1922 (Lukács, 2018).

Nesse cenário com ares revolucionários que se alastram pelo Ocidente, decorrente da expectativa revolucionária iniciada pela Revolução Russa, Lukács elabora o volume de ensaios objeto dessa pesquisa (Netto, 2023c). Além disso, conforme (Netto, 2023b), desde sua entrada no Partido Comunista Húngaro, imperava no interior do movimento comunista a fervorosa expectativa de que o processo revolucionário aberto com a vitória dos bolcheviques na Rússia – advinda da Revolução Russa – envolveria, no curto prazo, outros importantes países europeus, como a Hungria.

“História e Consciência de Classe” (HCC) é composto por oito ensaios com objetos distintos, mas partindo de uma mesma interpretação intelectual e política de renovação do marxismo. Dirigindo-se para uma leitura hegeliana de Marx, Lukács aborda o tema da alienação – que viria a ser revisto apenas com a publicação em 1930 dos Manuscritos Econômico-filosóficos<sup>33</sup> (1844) de Karl Marx – com o qual formula sua teoria da reificação que influenciou pensadores como Henri Lefebvre<sup>34</sup>, Lucien Goldmann<sup>35</sup>, Karel Kosík<sup>36</sup> e a Escola de Frankfurt (Lukács, 2020; Netto, 2023c).

Em sua perspectiva teórica, Lukács combate o marxismo “vulgar” da II Internacional, sua vertente revisionista proposta por Bernstein e o positivismo acrítico das Ciências Sociais “burguesas”, o qual é contraposto ao marxismo ortodoxo que consiste na aplicação do método inaugurado por Marx, a dialética materialista, sendo necessariamente revolucionária. Já na perspectiva política, considerando o cenário revolucionário mundial que

---

<sup>33</sup> Para mais informações, ver a tradução em português: Marx, 2010.

<sup>34</sup> Henri Lefebvre foi um filósofo marxista e sociólogo francês.

<sup>35</sup> Lucien Goldmann foi um filósofo e sociólogo francês de origem judaico-romena.

<sup>36</sup> Karel Kosík foi um militante e filósofo marxista de origem tcheca. Foi um dos discípulos de Lukács.

encarava, ampara-se na defesa das ideias da teoria da acumulação do capital e no papel do Partido Comunista advindas de Rosa Luxemburgo (Lukács, 2018; Netto, 2023c).

Isso porque, segundo Netto (2023c), para Lukács, a sociedade capitalista estabelece uma positividade dos fenômenos sociais que, ao tomarem a aparência de coisas (reificada, coisificada), adquirem uma superfície fetichizada. Assim, há uma inconsistência entre o marxismo e a “ciência burguesa”, visto que esta última (a “ciência burguesa”) só pode ser analisada a partir do “ponto de vista da totalidade”, no qual “apenas as classes representam o ponto de vista da totalidade, mas somente o proletariado, partindo dele, pode conhecer a realidade, já que ‘a sobrevivência da burguesia pressupõe que ela jamais alcance uma clara compreensão das condições de sua própria existência’” (Netto, 2023c, p. 38).

HCC confronta a tradição filosófica clássica alemã (Hegel e Kant), a ciência social “burguesa” (direcionada, principalmente, a Weber) e as concepções ideológicas da II Internacional (Kautsky, Bernstein e o austro-marxismo) (Geldof, 2023). Segundo Netto (2023c), a teoria da reificação surge como um novo modo de análise daquele estilo burguês de vida, com o qual Lukács sempre se preocupou, conduzindo-o a uma concepção do marxismo como historicismo radical, constituindo, para seus intérpretes, a força e a fraqueza da obra centenária<sup>37</sup>:

O historicismo assumido por Lukács responde pela modernidade de HCC, capaz de abrir a via à análise de fenômenos ideológicos do capitalismo tardio. Mas é também ele que vulnerabiliza a interpretação lukacsiana de Marx: a obra deste perde suas dimensões ontológicas; seu caráter de pesquisa da estrutura do ser, reduzida que é a uma sistemática filosofia da história (Netto, 2023c, p. 40).

Assim, “História e Consciência de Classe” surge nesse contexto de transição e análise crítica, sendo a obra que inaugura o desenvolvimento de Lukács nesse período de juventude intelectual marxista. HCC entra em confronto, voluntária ou involuntariamente, com os fundamentos da ontologia do marxismo, que dizem respeito às tendências e que compreendem o marxismo apenas como teoria social ou filosofia social, rejeitando a tomada de posição frente à natureza, sendo esta última considerada como uma categoria social (Lukács, 2018). A concepção geral reside que “somente o conhecimento da sociedade e dos homens que vivem nela é filosoficamente relevante” (Lukács, 2018, p. 14). Nesse sentido,

<sup>37</sup> Nesse mesmo ano (1923), também seguindo a tendência teórica do historicismo à época, Karl Korsch publica a obra “Marxismo e Filosofia”.

segundo Lukács (2018), é a concepção materialista da natureza que separa a visão socialista de mundo da visão burguesa; não reconhecer esse problema impede, por exemplo, a elaboração do conceito marxista de *práxis*.

Logo após a publicação de “História e Consciência de Classe”, autor e livro sofreram uma série de ataques, principalmente da Internacional Comunista no seu V Congresso em 1924. A Internacional Comunista objetava que na obra havia uma recusa da “Dialética da Natureza de Engels”<sup>38</sup> e a utilização de uma epistemologia que desconsiderava a teoria do reflexo leninista<sup>39</sup>. Em resposta às críticas, Lukács escreveu por volta de 1925 um documento defendendo suas posições filosóficas esboçadas em HCC, porém, tais escritos só foram descobertos e publicados em 1996<sup>40</sup>. Depois de publicada, a obra só obteve nova edição autorizada pelo autor em 1967 acompanhado de um longo prefácio autocrítico. Durante esse lapso temporal – de 1923 a 1967 –, HCC foi traduzida e publicada clandestinamente em diversos países – o primeiro que se tem ciência foi na França (Lukács, 2020; Netto, 2023b; Netto, 2023c).

Em seu prefácio de 1967, Lukács admitiu que à época buscava compreender os fenômenos ideológicos a partir de sua base econômica, desconsiderando o trabalho como mediador do desenvolvimento da sociedade com a natureza, abandonando, assim, a ontologia marxiana (Lukács, 2018). Esse posicionamento em HCC é percebido pelo Lukács “maduro” como um elemento da utopia messiânica própria do comunismo de esquerda, advindo de fatores externos (Rezende, 2013).

Nada obstante, no prefácio de 1967, o Lukács maduro identifica que é necessária uma *práxis* efetiva, em especial, no trabalho, para que o conceito de *práxis* não se metamorfoseie em um conceito de contemplação idealista, em direção a uma concepção dialética hegeliana (Lukács, 2018). Essa consideração não estava presente em HCC, ao contrário, “Lukács [em HCC] exagerava na preponderância da totalidade sobre a prioridade material da economia, apresentando o ponto de vista da totalidade como categoria sobreposta a todas as outras e tendo no proletariado a encarnação metodológica hegeliana” (Rezende,

<sup>38</sup> Em História e Consciência de Classe, Lukács debate com obra de Engels *Anti-Dühring* em que há uma discussão sobre a dialética da natureza. Há inclusive uma obra inacabada de Engels que trata especificamente sobre a dialética da natureza. Para mais informações, consulte essas duas bibliografias: Engels, 2016; 2020.

<sup>39</sup> Para mais informações, consulte: Lênin, 1946.

<sup>40</sup> Sendo traduzido e publicado no Brasil em 2017 pela editora Boitempo com o título de Reboquismo e dialética. Para mais informações, consulte: Lukács, 2022.

2013, p. 150). O livro “maldito” – como foi chamado por muitos críticos –, segundo Rezende (2013), desenvolve uma análise da reificação como apenas unicamente um exercício filosófico e não um elemento teórico-prático<sup>41</sup>.

Vale destacar que Lukács já realizava duras críticas à sua obra de entrada no marxismo antes mesmo de 1967. Já no início dos anos 1930, o autor húngaro criticava de forma veemente HCC, posicionando-se contrário às posições defendidas nesse conjunto de ensaios. Segundo ele, essas posições decorriam da mudança do contexto social da época, que pode ser percebida no refluxo do movimento operário, pois, entre 1921 e 1928, os inscritos nos partidos comunistas dos países capitalistas caíram de 900 mil para a metade, enquanto duplicaram os contingentes da social-democracia e o consequente fortalecimento do reformismo e da II Internacional [Internacional Socialista]. Sendo perceptível o colapso das expectativas de uma revolução em escala mundial em curto prazo (Netto, 2023a, 2023c).

Com essa declarada renovação do pensamento, Lukács deixa de lado seu eticismo, passando a defender a reconciliação com a realidade e não mais aquele utopismo revolucionário voltado para a recusa de todo compromisso, ultrapassando seu voluntarismo e colocando em questão seu messianismo utópico a partir dos fatores históricos que enfraqueceram tais ideais. Reorienta-se, assim, seu caráter esquerdista, voltando-se para a luta interna no Partido Comunista Húngaro (Netto, 2023b; 2023c).

Nessa nova incursão, Lukács se reúne com Landler para elaborar uma política alternativa à de Béla Kun, focando pela primeira vez em uma “análise particular de uma situação histórica precisa”, qual seja, a realidade socioeconômica da Hungria, “a premissa era a caracterização do quadro mundial como sendo de ‘estabilização relativa do capitalismo’, desenvolvida pela Internacional Comunista desde 1924” (Netto, 2023c, p. 43). Após a morte de Landler em 1928, Lukács assume a elaboração dessa política alternativa, apresentando no ano seguinte com o pseudônimo de Blum, o informe advindo dessa análise, as “Teses sobre a situação política e econômica da Hungria e sobre as tarefas do KPU”, conhecido como “Teses de Blum”<sup>42</sup>, em que defendia a luta por uma ditadura democrática e não pelo reestabelecimento de uma república de conselhos (como a Comuna de 1919), buscando um

---

<sup>41</sup> Para mais detalhes sobre a reificação e seus limites, consultar: Nobre, 2001.

<sup>42</sup> Ver em: Chasin, 1980.

regime de liberdades políticas efetivas com uma frente política policlassista, almejando uma completa realização da democracia burguesa<sup>43</sup> (Lukács, 2020; Netto, 2023c).

Essas teses foram amplamente discutidas pelos comunistas húngaros, até o pronunciamento do Comitê Executivo da Internacional Comunista e Béla Kun, apontando que as Teses de Blum se colocavam na perspectiva social-democrata, propondo que “o PC húngaro se caracterize como o partido das reformas democráticas [...]. Essas teses não têm nada a ver com o bolchevismo” (Netto, 2023c, p. 43). Isso porque, nesse período, o Partido Comunista Húngaro repudiava uma aliança com a social-democracia, já que a considerava irmã do fascismo.

Tendo sido novamente derrotado na luta interna, deixa o Comitê Central do Partido, voltando a atuar apenas como intelectual na convicção de que não era vocacionado para a ação política (Lukács, 2020). Alicerçado nisso, livre de concepções voluntaristas, messiânicas e esquerdistas, desenvolverá seu pensamento seguindo a posição da política alternativa proposta pelas Teses de Blum, ou seja, “a concepção [histórico-política] de que o processo revolucionário cobriria toda uma época histórica larga, numa evolução sinuosa, e que a classe operária deveria abandonar qualquer sectarismo para ampliar sua influência e não se deixar isolar” (Netto, 2023c, p. 45).

Assim,

depois da prova da política, feito o aprendizado de uma década no interior do movimento operário revolucionário, Lukács – sem dele se afastar – retorna ao âmbito da elaboração cultural, convencido de que o proletariado só poderá construir uma nova cultura se for capaz de assimilar, crítica e criadoramente, a herança progressista e racionalista que já encontra diante de si (Netto, 2023c, p. 46).

Em meados de 1930, Lukács se desloca para Moscou, já não mais atuando diretamente na atividade política do partido, passando a destinar seus esforços no aprofundamento e revisão de seus pressupostos teóricos, buscando sua reorientação no caminho para Marx, iniciada alguns anos antes (Lukács, 2010; 2020). Nesse período de reflexão, Lukács pôde ter acesso aos escritos “Manuscritos Econômico-Filosóficos” e, mais

---

<sup>43</sup>As Teses de Blum representam um marco na trajetória de Lukács por proporem uma estratégia revolucionária realista, baseada na aliança entre operariado e campesinato por meio de uma ditadura democrática. Inovam ao retomar a mediação dialética entre revolução burguesa e proletária, contrariando o sectarismo da Terceira Internacional. Essa formulação antecipa debates posteriores sobre frentes amplas e fundamenta sua filosofia política madura.

tarde, com “A Ideologia Alemã” e “Grundrisse”, permitindo reconhecer inconsistências nas suas formulações de “História e Consciência de Classe”. Dentre elas: (i) em sua teoria da reificação, não diferenciou adequadamente alienação e objetivação; (ii) pôde compreender melhor a concepção materialista da metodologia de Marx; e (iii) superou sua compreensão da teoria do reflexo, no tocante à identidade sujeito-objeto no desenvolvimento da sociedade pelo proletariado. Tal reconhecimento possibilitou que Lukács construísse uma nova interpretação do pensamento de Hegel e de Marx (Netto, 2023c).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo na velhice, Lukács se manteve coerente na inflexibilidade de seus princípios e na recusa radical do mundo burguês. Sua postura continuava a ser marcada por uma perspectiva revolucionária intransigente, como já se manifestava em “História e Consciência de Classe”. Em uma entrevista de 1970, Lukács afirmou que “mesmo o pior socialismo é preferível ao melhor capitalismo”, reiterando as ideias que sempre defendeu. Essa declaração reflete sua convicção de que a alternativa ao socialismo é a barbárie – uma visão central em sua filosofia marxista e em suas análises das contradições do sistema capitalista (Lukács, 2020).

Em seus últimos anos, Lukács reconheceu que as obras de Marx, Engels e Lenin, embora fundamentais, eram insuficientes para compreender plenamente o desenvolvimento contemporâneo do capitalismo (o chamado capitalismo tardio) e as experiências de transição socialista (Lukács, 2020; Netto, 2023c). Ele enfatizou a necessidade de um renascimento do marxismo, capaz de responder aos desafios impostos pelas transformações históricas e sociais do século XX.

Assim, a trajetória intelectual de Lukács transita de um anticapitalismo romântico para um eticismo messiânico – presente no período em que escreve História e Consciência de Classe, trazendo à tona a exposição das categorias gerais da razão dialética, como totalidade, mediações, objetividade, práxis, entre outras.

Desse modo, como se propôs desde o início, este artigo teve o objetivo de destacar o itinerário do filósofo marxista húngaro György Lukács e de sua obra História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista. Para isso, percorremos sua trajetória intelectual e política, analisando as origens que moldaram sua postura radicalmente crítica ao sistema

capitalista e revisamos alguns de seus principais intérpretes. Com isso, percebemos que seus escritos de juventude pré-marxistas culminaram em sua militância no Partido Comunista Húngaro e em sua adesão ao marxismo, marcada pela publicação de HCC.

## REFERÊNCIAS

BONENTE, Bianca Imbiriba; MEDEIROS, João Leonardo. A inapagável chama de Lukács: um ensaio sobre sua vida e obra, cinquenta anos após a sua morte. **Anuário Lukács 2021**, [s. l.]. Brasília: Comissão Editorial do Anuário Lukács, p. 191–218, 2021.

BUDAPESTE decide derrubar estátua de filósofo marxista György Lukács; críticos falam em antisemitismo. **Opera Mundi**. 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/budapest-decide-derrubar-estatua-de-filosofo-marxista-gyorgy-lukacs-criticos-falam-em-antisemitismo/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BUTLER, Judith. Introdução. In: LUKÁCS, György. **A alma e as formas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 11–28.

CASTRO, Rogério Santos de. **O trabalho como modelo da práxis social**: os aspectos ‘in nuce’ da elaboração marxiana segundo o entendimento do último Lukács. 2018. 303f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CHASIN, J. **Temas de Ciências Humanas**, no 7. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1980. Disponível em:  
<https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1928/mes/teses.htm>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. 1. ed. São Paulo:Boitempo, 2009.

COMUNA Húngara de 1919. **Dossieco**. 2024. Disponível em: <https://dossieco.org.br/a-comuna-hungara-de-1919/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

DIÓGENES, Lenha Aparecida Silva. **György Lukács e Honoré de Balzac**: um diálogo entre Estética, Literatura e Formação Humana. 2019. 221 f. Tese - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: Acesso em: 23 nov. 2024.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

FREDERICO, Celso. **Lukács: um clássico do século XX**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

GELDOF, Koenraad. Da arte demoníaca ao milagre da revolução: reflexões sobre o jovem Lukács (1908-1923). In: NETTO, José Paulo (org.). **História e consciência de classe cem anos depois**: reflexões sobre o livro que mudou o pensamento crítico do século XX. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 75–104.

GOLDMANN, Lucien. Introduzione. In: LUKÁCS, György. **Teoria del Romanzo**. Milão: Sugar Editore, 1963.

GOLDMANN, Lucien. Sobre História e consciência de classe. In: NETTO, José Paulo (org.). **História e consciência de classe cem anos depois**: reflexões sobre o livro que mudou o pensamento crítico do século XX. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 53–74.

KADARKAY, Arpad. **Georg Lukács**. Vida, pensamento y política. Edicions Alfons el Magnànim. Instituto Valenciana D' Estudis I Investigació. Generalitat Valenciana. Diputació Provincial de València, 1994.

LÊNIN, Vladimir Ilyich Ulianov. **Materialismo e Empirocriticismo**: Notas e Críticas Sobre uma Filosofia Reacionária. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1946. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1909/empiro/index.htm>. Acesso em: 24 nov. 2024.

LOWY, Michael. **A Evolução Política de Lukács (1909-1929)**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

LUKÁCS, György. **A alma e as formas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LUKÁCS, György. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade**: Escritos Estéticos 1932-1967. 1. ed. Rio de Janeiro: Fórum de Ciência e Cultura - Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, György. **Cultura estética**. In: Lukács, György. Acerca de La pobreza de espíritu y otros escritos de juventud Tradução de Miguel Vedda. Buenos Aires: Gorla, 2015.

LUKÁCS, György. **Essenciais são os livros não escritos: últimas entrevistas (1966-1971)**. tradução: Ronaldo Vielmi Fortes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

LUKÁCS, György. Meu caminho para Marx. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, n. 12, p. 13-20, ano VI, out. 2010.

LUKÁCS, György. Moses Hess and the Problems of Idealist Dialectics. **Marxists Internet Archive**. 1972. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lukacs/works/1926/moses-hess.htm>. Acesso em: 23 nov. 2024.

LUKÁCS, György. **O bolchevismo como problema moral**. Szabad Gondolat: Budapest, 1973. Disponível em:  
<https://beneweb.com.br/resources/O%20bolchevismo%20como%20problema%20moral.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LUKÁCS, György. **O papel da Moral na Produção Comunista**. Zocialis Termelés, 1919. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1919/11/01.htm>. Acesso em: 25 nov. 2024.

LUKÁCS, György. **Pensamento vivido**: autobiografia em diálogo. 1. ed. Viçosa: Editora UFV, 1999.

LUKÁCS, György. **Reboquismo e dialética: uma resposta aos críticos de história e consciência de classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

LUKÁCS, György; KŐSZEG, Ferenc. **A modern dráma fejlődésének története**. 2. kiad. Budapest: Magvető, 1978. (His Lukács György összes művei).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política (Livro I). 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A revolta dos intelectuais na Hungria**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MORAES, João Quartim de. **Lênin**: Uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2024.  
NETTO, José Paulo. Apresentação. In: NETTO, José Paulo (org.). **História e consciência de classe cem anos depois**: reflexões sobre o livro que mudou o pensamento crítico do século XX. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023a. p. 9-15.

NETTO, José Paulo. História e consciência de classe: grandeza e limites. **Margem Esquerda - Revista da Boitempo**, [s. l.], n. 41, p. 86–106, 2023b.

NETTO, José Paulo. **Lukács**: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023c.

NOBRE, Marcos. **Lukács e os Limites da Reificação**. Um estudo sobre História e Consciência de Classe. São Paulo: Editora 34, 2001.

OLDRINI, Guido. Depois de Outubro: o Lukács protomarxista. In: **História e Consciência de Classe, cem anos depois**: o livro que mudou o pensamento crítico do século XX. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 217–248.

REZENDE, Claudinei Cássio de. Marcos Nobre e sua análise de História e Consciência de Classe (Resenha). **Verinotio revista on-line**, n. 16, p. 148-151, out. 2013.

SAYRE, Robert. **Anticapitalismo romântico e natureza**: O Jardim Encantado. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2021.

INTELECTUAL E REVOLUCIONÁRIO: O PERCURSO DE GYÖRGY LUKÁCS RUMO À HISTÓRIA E  
CONSCIÊNCIA DE CLASSE  
*Ryan Victor Rosado de Oliveira*

VAISMAN, Ester. A obra tardia de Lukács e os revezes de seu itinerário intelectual.  
**Trans/Form/Ação**, [s. l.], v. 2, n. 30, p. 247–259, 2007.

VAISMAN, Ester. O “jovem” Lukács: trágico, utópico e romântico? **Verinotio - revista online de filosofia e ciências humanas**, [s. l.], v. 8, n. 16, p. 117–125, 2013.